O Namorador ou a Noite de São João, de Martins Pena

Fonte:
PENA, Martins. *Comédias de Martins Pena*. Rio de Janeiro : Edições de Ouro, 1968. p. 275-299 (Antologia).

Texto proveniente de:
A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>
A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo
Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por:
Adailton Alves – São Paulo/SP

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <bibvirt@futuro.usp.br> e saiba como isso é possível.

O NAMORADOR OU A NOITE DE SÃO JOÃO
Martins Pena

Comédia em 1 ato

PERSONAGENS
VICENTE, velho.
CLARA, mulher de Vicente.
CLEMENTINA, sua filha.
RITINHA, amiga de Clementina.
LUÍS, primo de Clementina.
JÚLIO.
MANUEL, ilhéu, feitor.
MARIA, ilhoa, sua mulher.
Convidados de ambos os sexos, meninos, negros e moleques.

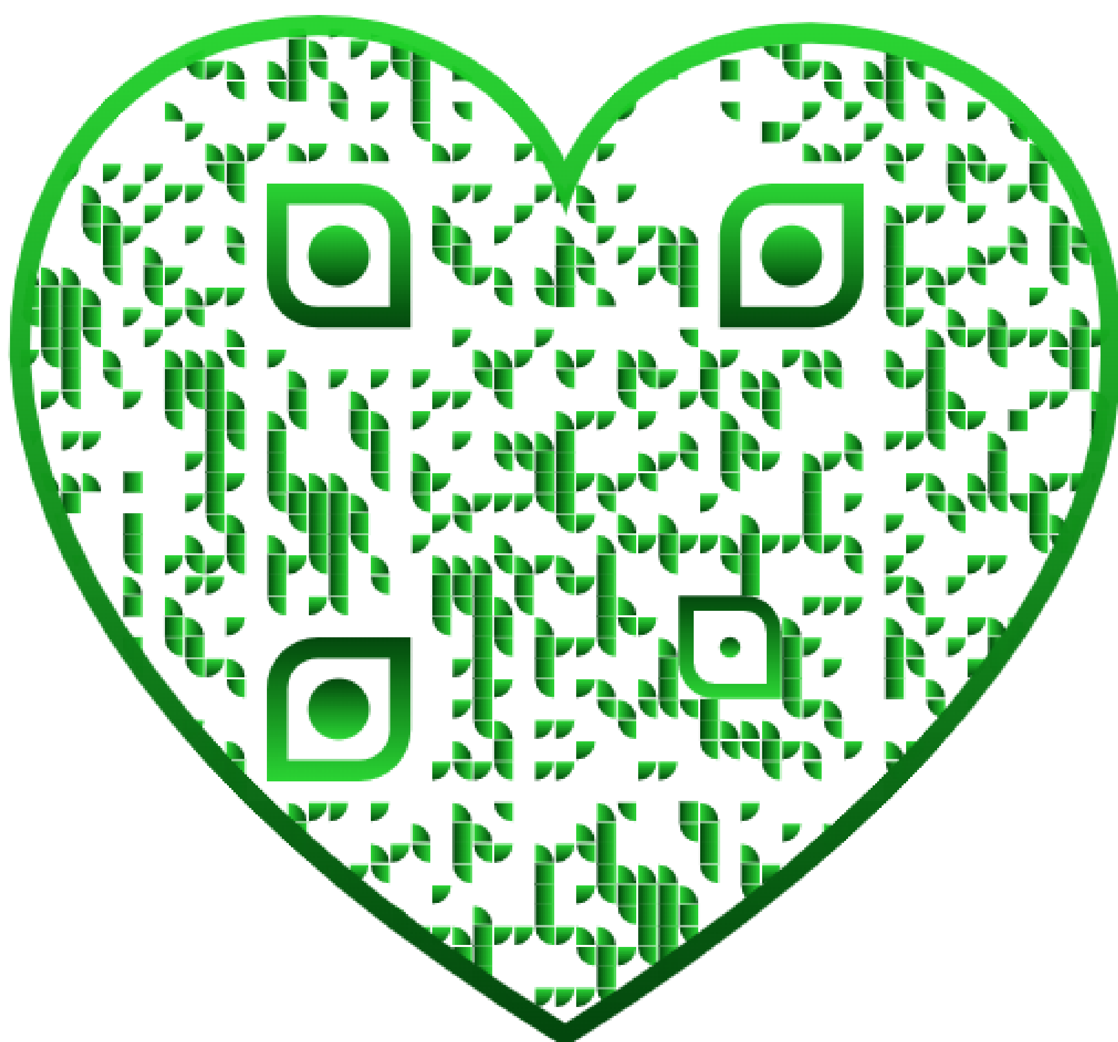
A cena se passa em uma chácara no Engenho Velho, no ano de 1844.

ATO ÚNICO

O teatro representa uma chácara. No fundo, a casa de vivenda com quatro janelas rasgadas e uma porta para a cena. A casa dentro estará iluminada, deixando ver pelas janelas várias pessoas dançando ao som de música, outras sentadas e alguns meninos atacando rodinhas. À esquerda, no primeiro plano, a casinha do feitor, a qual, sendo saliente sobre a cena, terá uma janela larga para frente do tablado e uma porta para o lado; debaixo da janela haverá um banco de relva. No canto que faz a casinha, um monte de palha; à direita, no mesmo plano a casinha, uma carroça. Defronte da porta da casa, uma fogueira ainda não acabada; mais para frente, o mastro de S. João, e dos lados deste, um pequeno fogo de artifício constando de duas rodas nas extremidades e de fogos de vista e coloridos, que serão atacados a seu tempo. A cena é alumiada pela lua, que se vê sobre a casa por entre árvores.
(N.B.: Deve-se dar todo o espaço necessário para a distribuição da cena acima marcada, a fim de se evitar a confusão e conservar a naturalidade do que se quer representar.)

CENA I

Ritinha com um copo com água na mão, e Clementina com um ovo.



RITINHA – Só nos falta esta adivinhação. Já plantamos o dente de alho, para vê-lo amanhã nascido; já saltamos três vezes por cima de um tição...
CLEMENTINA – E já nos escondemos detrás da porta, para ouvirmos pronunciar o nome daquele que virá a ser teu noivo.
RITINHA – Vamos à do ovo. *(Clementina quebra o ovo na beira do copo e deita a clara e gema dentro da água.)*
CLEMENTINA – Agora dê cá, *(toma o copo)* e ponhamo-lo ao sereno.
RITINHA – Para quê? Explica-me esta, que eu não sei.
CLEMENTINA – Este ovo, exposto ao sereno dentro da água, vai tomar uma forma qualquer, por milagre de S. João. Se aparecer como uma mortalha, é sinal que morremos cedo; se tomar a figura de uma cama, é prova nos havemos de casar este ano; e se se mostrar debaixo da forma de véu de freira, é certo agouro que viveremos sempre solteira. *(Põe o copo sobre o banco de relva.)*
RITINHA – O melhor é não indagarmos isso.
CLEMENTINA – Tens receio?
RITINHA – A esperança, quando mais não seja, alimenta. Se eu tivesse a certeza que nunca acharia um noivo, não sei o que faria.
CLEMENTINA – Pois eu tenho a certeza que o acharei.
RITINHA – Podes dizer isso, és bonita...
CLEMENTINA – Também o és.
RITINHA – Mas és rica, e eu não; e esta pequena diferença muda muito a questão. És filha única e teu pai possui esta bela chácara e outras muitas propriedades. Ali dentro estão alguns moços que porfiam em te agradar; está nas tuas mãos escolheres um para noivo. E eu posso dizer outro tanto?
CLEMENTINA – E por que não?
RITINHA – Tenho apenas um namorado.
CLEMENTINA – É o primo Luís?
RITINHA – É ele mesmo, mas confesso-te ingenuamente que não sei o que ele quer. Ora mostra-se muito apaixonado, ora não faz caso de mim e namora a outras moças mesmo à minha vista; às vezes passam-se dias e dias sem me aparecer...
CLEMENTINA – Pois que esperas tu do primo Luís, daquele doudo que namora o torto e a direito a bonito e a feia, a moça e a velha?
RITINHA, *suspirando* **–** Ai, ai!
CLEMENTINA – O que admira-me é ver como tens conseguido tê-lo por namorado há quase três meses.
RITINHA – Bem esforços me tem custado.
CLEMENTINA – Eu te creio, porque ele diz que um namoro que dura mais de oito dias é maçada.
RITINHA – Tanto não poderás tu dizer dos teus, principalmente do Júlio.
CLEMENTINA – Queres que te diga uma coisa? O tal Sr. Júlio, com todos os seus excessos, já me vai aborrecendo sofrivelmente.
RITINHA – Oh, aborrecem-te os excessos?
CLEMENTINA – Quando está junto de mim tem um ar tão sentimental que faz dó ou riso.
RITINHA – É amor.
CLEMENTINA – Se é obrigado a responder-me, é titubiando e trêmulo; atrapalha-se, não sabe o que diz e também nunca acaba de dizer.
RITINHA – É amor.
CLEMENTINA – Os seus olhos não me deixam; acompanham-me por toda a parte. Não dou um passo, que não seja observada.
RITINHA – São provas de amor.
CLEMENTINA – E se eu falo com algum moço? Isso então!... Fica logo muito aflito, a mexer-se na cadeira, com o nariz muito comprido e com os olhos cheios de lágrimas. E se eu não lhe faço logo e logo a vontade, deixando de conversar com o moço, ei-lo que levanta-se arrebatadamente, pega no chapéu e sai desesperado pela porta afora como quem leva a firme tenção de nunca mais voltar. Mas qual! Daí a dous minutos está ele ao pé de mim.

RITINHA – Tudo isso é amor.
CLEMENTINA – É amor! É amor, sei, mas aborrece-me tanto amor. *(Aqui aparece no fundo Júlio.)*
RITINHA – Vê como são as coisas: Eu queixo-me do meu por ser indiferente; tu, do teu, por excessivo.
CLEMENTINA – É que os extremos se tocam. Não tens ouvido cantar aquele lundu: *Eu que sigo o meu bem?* Mas também o que é verdade é que eu às vezes muito de propósito o faço desesperar.
RITINHA – Isso é maldade. *(Clementina vê Júlio, que a este tempo está atrás dela.)*
CLEMENTINA, *à parte, para Ritinha* – Olha! E ele comigo! Não te dizia que me acompanha por toda a parte?
RITINHA, *rindo-se* – Adeus. *(Sai correndo.)*
CLEMENTINA, *querendo retê-la* – Espera! *(Quer segui-la.)*
JÚLIO, *seguindo-a* – Um momento! *(Clementina volta-se para Júlio.)*
CLEMENTINA – O que quer? *(Caminha para frente.)*
JÚLIO – Eu... *(Fica enleado. Alguns momentos de silêncio.)*
CLEMENTINA, *à parte* – E então?
JÚLIO – Eu... *(O mesmo jogo.)*
CLEMENTINA, *à parte* – E ficamos nisto!
JÚLIO – Se me permitisse... *(Mesmo jogo.)*
CLEMENTINA – O senhor está tão ansiado. Tem alguma dor?
JÚLIO – Tenho sim, ingrata, mas é no coração.
CLEMENTINA – Ah, desembuchou?
JÚLIO – Supunha passar hoje uma noite alegre e devertida, e só encontrei tormentos e desenganos.
CLEMENTINA – Ah, encontrou desenganos, coitado! Então quem foi que teve a barbaridade de o desenganar?
JÚLIO – Uma cruel, que zomba de mim e de minha vida, que ainda será causa de algum desatino.
CLEMENTINA – Ora vejam só que crueldade!
JÚLIO, *desesperado* – Oh, isto assim não pode durar muito. *(Com ternura, pegando-lhe na mão:)* Clementina, por que hás-de ser tão má comigo? Que te fiz eu para ser assim maltratado? Eu, que tanto bem te quero!
CLEMENTINA – Ontem despedimo-nos em paz. Quais são hoje as queixas?
JÚLIO – Teu primo Luís.
CLEMENTINA – Ainda ciúme?
JÚLIO – Ama-o, que ele me vingará. Não encontrarás outro coração como o meu.
CLEMENTINA – Acabou? Uma sua criada. Vou comer batatas.
JÚLIO, *retendo-a* – Oh, não, não!
CLEMENTINA, *voltando* – Com que então queria que eu estivesse toda a noute a olhar para o senhor, com a boca aberta, ham? Feito uma pateta! Que não conversasse mais com minhas amigas, que estivesse amuada em um canto da sala, eu defronte e vós à vista, assim em ar de dois toiros que se querem investir? Sabe que mais? Isto já me vai aborrecendo.
JÚLIO – Perdoa-me.
CLEMENTINA – Por mais de uma vez já lhe tenho manifestado os sentimentos que me animam a seu respeito e dado prova da preferência em que eu o tenho. Quando um dia perguntou-me se eu queria ser sua mulher, respondi-lhe com franqueza que sim, mas que previa obstáculos da parte de meu pai.
JÚLIO – Tudo isto é verdade.
CLEMENTINA – E ajuntei mais: que esse temor, porém, não esfriasse o nosso amor, que paciência e tempo tudo conseguem, e que minha mãe era por nós. E ter-me-ia esquecido a esse ponto de minha posição e pejo, se não o amasse? *(Aqui entra pela esquerda, por detrás da casinha do ilhéu, Luís, com uma carta de bichos acesa, pendurada de uma varinha. Corre para Clementina, gritando.)*
LUÍS – Viva S. João! Viva S. João! *(Clementina foge.)*
CLEMENTINA – Primo Luís, primo Luís! *(Luís vai atrás dela gritando sempre, até que ela sai pelo fundo.)*

CENA II

Enquanto Luís corre após Clementina, Júlio fica a olhar para ela.

JÚLIO – E veio interromper-nos na melhor ocasião! Isto foi muito de propósito! Não é sem razão que eu desconfio dela; ama ao primo. *(Neste tempo, Luís, que volta para cena, está junto dele.)*

LUÍS – Ó Júlio, que bela patuscada, hem?

JÚLIO, *à parte* – Vem mangar comigo.

LUÍS – Não há melhor! Foguetes para atacar, música para dançar, e sobretudo moças para namorar. O tio João festeja o nome de seu santo com grandeza. Tu não tens foguetes?

JÚLIO, *com mau modo* – Não.

LUÍS – Nem namorada?

JÚLIO, *ao mesmo* – Não.

LUÍS – Ó alma de cântaro, marreco de gesso! Não tens namorada, quando aquela sala está cheia de meninas tão encantadoras? Não tens namorada? Então que viste fazer?

JÚLIO – Obsequiar à pessoa que me convidou, portando-me com decência.

LUÍS – Como diabo entendes tu as coisas às avessas? Quando se convida para uma *soirée,* ou outra qualquer patuscada, rapazes solteiros, é para que eles namorem. Todos sabem que sem namoro as mais brilhantes reuniões esfriam e poucas horas duram. Sem namorar as moças ficam amuadas, as velhas dormem e os velhos roncam. Sem namoro, essa vivacidade que se nota nos olhares e gestos das meninas desaparece e morre, falta de alimento. Sem esse grande excitativo, o desejo de conquistar adormece no coração e leva a moleza ao corpo e o aborrecimento à alma. Tudo fica triste e sem sabor. Os pai e mãe de família cedo retiram-se com as filhas, porque não vêem possibilidade de pescarem noivos para elas onde não há namoro prometido. Mais três ou quatro contradanças e não se vêem esses casais solitários no meio de esplêndido baile, sentados nos cantinhos da sala, alheios a tudo o que se passa ao redor dela, e que tanto servem para divertimento de todos. Cessa a maledicência, desaparecem esses segredinhos que se dizem ao ouvido e que fazem corar. Numa palavra, tudo esfria, emudece, dorme! O namoro é a alma da vida, a existência necessária de todas as reuniões. É o centro ao redor do qual giram todas as afeições, intrigas, gentes e despesas. Por ele é que a menina se enfeita, que os rapazes se desafiam, e se individa o homem. Por ele é que o pobre pai de família paga a ladroada conta das francesas. Enfim, é o motor universal, é o “fogo viste lingüiça” das sociedades. Por isso é que eu todas as vezes que sou convidado para algum baile ou patuscada como esta, namoro a torto e a direito, para obsequiar o dono da casa.

JÚLIO – Ah, é para obsequiar os donos das casas? Devem-te ficar muito agradecidos.

LUÍS – E que não fiquem pouco se me dá. Faço o meu dever. Tenho feito as moças lá dentro andarem numa dobradura, inclusive a minha bela priminha.

JÚLIO, *travando-lhe do braço* – Isto é uma traição!

LUÍS – Hem?

JÚLIO – É uma traição que cometes para comigo de quem te dizes amigo. Sabes muito bem, porque já te tenho dito, que eu amo a tua prima.

LUÍS – E o que tem isso? Tu namoras e eu também namoro; o caso não é novo – vê-se todos os dias isso.

JÚLIO – É preciso acabarmos com este gracejo. Não zombo.

LUÍS – Nem eu.

JÚLIO – Falo muito sério.

LUÍS – Que diabo de tom é esse?

JÚLIO – Faze por toda a parte este papel de namorador e de tolo, acompanha-te sempre dessa leviandade e ar gracejador por desprezo pelo homem sensato, que pouco se me dá disso; nenhum interesse tenho eu em corrigir-te...

LUÍS – O caso vai de pregação.

JÚLIO – Mas não lances um só olhar para Clementina, não lhe digas uma só palavra de galanteio ou sedução, porque então te haverás comigo e tarde te arrependerás.

LUÍS – Quem, eu?

JÚLIO – Sim, tu.

LUÍS – Isto é uma ameaça?
JÚLIO – É, sim.
LUÍS – Ah, a coisa chegou a esse ponto? Pois meu amigo, andou muito mal; os seus ciúmes o deitaram a perder.
JÚLIO – Isso veremos.
LUÍS – Até agora eu namorava a prima inocentemente e sem intenção, como faço com todas as moças que encontro; isto é um hábito em mim. Mas agora, já que se formaliza e ameaça-me, hei-de lhe mostrar que não só namorarei a priminha de noute e de dia, como também casar-me-ei com ela.
JÚLIO, *raivoso* – Oh!
LUÍS – O que não tem podido fazer de mim o amor, fará o amor-próprio. Estou resolvido a casar-me.
JÚLIO, *segurando-lhe na gola da casaca* – Não me leves ao desespero! Desiste? *(Aqui aparece no fundo Clara, que se encaminha para eles.)*
LUÍS, *segurando na gola da casaca de Júlio* – Não quero! *(Júlio agarra com a outra mão na gola da casaca de Luís, que faz o mesmo, empurrando-se mutuamente.)*
JÚLIO – Não me faça praticar uma ação que nos perderia a ambos.
LUÍS – Perdido já eu estou, porque me vou casar.
JÚLIO, *forcejando* – Insolente!

CENA III

Clara junto deles.
CLARA – Então, o que é isto? *(Os dois surpreendem-se e apartam-se.)*
LUÍS – Não é nada, minha tia, estávamos experimentando forças.
CLARA – Ora, deixemos agora disso. Venham dançar, que faltam pares. Venham.
LUÍS – Vamos, tiazinha. *(Para Júlio:)* Vou apertar o namoro. Viva S. João! *(Sai dando viças.)*
CLARA, *rindo-se* – É um doudo este meu sobrinho. Venha, Sr. Júlio.
JÚLIO – Já vou, minha senhora. *(Clara sai.)*

CENA IV

Júlio, só.
JÚLIO – O que hei-de eu fazer? Talvez fiz mal em levar as coisas a este extremo. Luís principia os namoros e os deixa com a mesma facilidade. Não me devia inquietar. Maldito ciúme! Estou em uma cruel perplexidade. Devo hoje mesmo declarar-me com o Sr. João Félix e pedir-lhe a filha. Vã esperança! Estou certo que ele não consentirá; não tenho fortuna. Meu Deus! *(Sai vagaroso.)*

CENA V

Enquanto Júlio dirige-se para o fundo, entra pela direita baixa o ilhéu, seguido de quatro pretos, trazendo os dois primeiros lenha, o terceiro um cesto à cabeça, e o quarto um feixe de cana.
MANUEL – Paizinhos, vão acabar de fazer a fogueira. Levem primeiro vocês a cana e os carás à Senhora. *(Manuel fala como os ilhéus, isto é, cantando. Os negros da lenha vão acabar de fazer a fogueira; os outros dois saem pelo fundo. Manuel, só:)* Cá no Brasil é como na minha terra; também se festeja a noite de S. João. Quem me dera no Tojal! Há dois anos que aqui estou trabalhando para ganhar dinheiro e para lá voltar. Oh, quem pudera viver sem trabalhar! Cresce-me água à boca, quando vejo um rico. São os felizes, que cá o homem anda de canga ao pescoço.

CENA VI

Entra Maria com uma cesta à cabeça.
MANUEL – O que levas aí, Maria?
MARIA – A roupa que estava no campo a secar.
MANUEL – Pois ainda agora? Vem cá. *(Maria deixa a cesta à porta da casinha e caminha para Manuel.)*
MARIA – A senhora tomou-me o tempo e não deixou-me recolhê-la com dia. Andamos a arranjar a casa para a companhia.
MANUEL – E ela é que diverte com os seus, e nós trabalhamos.

MARIA – O que queres, Manuel? Somos pobres, que Deus assim nos fez.
MANUEL – E é do que me queixo. Todo o dia com a enxada na mão, e ainda em cima ter olhos nos paizinhos, que são peores que o diabo.
MARIA – Anda lá, não te queixes tanto, que lá no Tojal éramos mais desgraçados. Não sei como não morríamos de fome. Ganhavas seis vinténs por dia ao rabo da enxada, e cá o senhor te estima; pagou a nossa passagem.
MANUEL – Quisesse Deus que eu tivesse algum dinheirinho junto! Pagaria ao senhor o resto que lhe devo e ia comprar um burro e uma carroça para vender a *iágua*. O Zé voltou para S. Miguel com cinco mil cruzados que assim ganhou.
MARIA – Se puderas fazer isso, eu ficava com a senhora. Este vestido deu-me ela, e este xale também, e outros me dará ainda.
MANUEL – Pois se eu sair, sairás também, senão te desanco.
MARIA – Ai!
MANUEL – Pensas que eu não sei porque queres ficar?
MARIA – Ai, que me impacientas!
MANUEL – Bem vejo o senhor a te fazer roda como um peru.
MARIA – Esta besta! O senhor a fazer-me roda, tão velho como é? Ai, que me rio desta!
MANUEL – Vai-te rindo, bestinha, até que chores.
CLARA, *da porta da casa* – Maria?
MARIA – Adeus, que a senhora chama-me. Esta besta!
MANUEL – Anda com cuidado, que te tenho o olho em riba.
MARIA – Olha que cansarás a vista, animal.

CENA VII

MANUEL, *só* – Assim vive um homem de Deus a lavrar a terra e a vigiar a mulher. Forte ocupação, que o diabo leve! *(Para os negros:)* Anda paizinhos, acabem essa fogueira e vão arrumar o capim na carroça para ir para cidade. *(Os dois negros saem.)* Se o senhor continua a fazer festas a Maria, hei-de dizer à senhora, que não é para brincos. *(Sai. Logo que Manuel sai, chega do fundo João.)*

CENA VIII

JOÃO, *só* – Agora que lá dentro estão todos entretidos, é boa ocasião de cercar minha bela ilhoazinha para dar-lhe um abraçozinho. Aonde estará ela? *(Chamando com cautela:)* Maria, Maria? Tenho medo que minha mulher veja-me aqui. É velha, mais tem ciúmes como um mouro. Quem manda ser velha? Estará no quarto? *(Vai espiar na casinha.)* Maria? Nada. Lá dentro ainda dançam; estão devertidos e não darão por minha falta. Vou esconder-me no seu quarto e lá esperarei para surpreendê-la. Oh, que surpresa! Só assim, porque ela é arisca como o diabo. Dou-lhe um abraçozinho e depois safo-me na pontinha dos pés. Oh, que surpresa! Que contentamento! *(Esfrega as mãos. Júlio, que a este tempo entra vindo do fundo, chama por ele; João, que está quase junto à porta, volta-se zangado.)*

CENA IX

Júlio e João.
JÚLIO – Sr. João Félix?
JOÃO, *voltando-se* – Quem é?
JÚLIO – Se quisesse ter a bondade de ouvir-me por alguns instantes com atenção...
JOÃO, *impaciente* – O que tens agora a dizer-me, homem? Vá dançar.
JÚLIO – Pensamentos muito sérios ocupam-se neste momento para eu poder dançar.
JOÃO – Então o que é?
JÚLIO – Desculpe a minha franqueza...
JOÃO – Avie-se, que tenho pressa.
JÚLIO – Eu amo sua filha.
JOÃO – E que tenho eu com isso?
JÚLIO – Mas é que eu a amo com adoração, como nunca se amou, e pretendia...

JOÃO – Vá dizer a ela que eu lhe ordeno que dance com o senhor uma contradança; ande, vá, vá! *(Empurrando-o)*
JÚLIO – Não é por tão pequeno favor que eu ouso encomodá-lo.
JOÃO , *à parte* – Que impertinência! E eu a perder tempo e ocasião.
JÚLIO – Terei ânimo em falar, visto que o senhor não reprovou o meu amor.
JOÃO – Bem vejo que tens ânimo, mas pressa decerto que não tens. Pois é o que eu tenho.
JÚLIO – Serei breve. Concede-me a mão de sua filha?
JOÃO – Se é para dançar, já lhe dei.
JÚLIO – Não senhor, é para casar.
JOÃO – Para casar? Sempre pensei que o senhor tivesse mais juízo. Pois de noute, no meio do campo e a estas horas é que o senhor vem pedir minha filha, obrigando-me a estar aqui a cabeça ao sereno? Já eu estou constipado. *(Amarra um lenço na cabeça.)*
JÚLIO – Só motivos imperiosos me obrigariam a dar este passo tão precipitado.
JOÃO – Precipitado ou não precipitado, não lhe dou minha filha! *(Durante a continuação desta cena João passeia pela cena, dando voltas de um para outro lado; passa por trás da carroça, vai até o fundo, volta, etc., e Júlio o segue sempre falando.)*
JÚLIO – Mas senhor, Vossa Senhoria não tem razão em responder-me deste modo. Eu decerto teria escolhido melhor ocasião; há porém acontecimentos que nos levam, mau grado nosso, a dar um passo que à primeira vista parece loucura. A causa deve ser indagada. E isto é o que Vossa Senhoria deveria fazer. Não se trata de um negócio de pouca monta. A minha proposição não deve ser assim recebida. Sei que a sua filha é um partido vantajoso ainda mesmo para um homem ambicioso, mas em mim não se dá essa idéia. Procuro os dotes morais de que é ornada, as virtudes que a fazem tão amável e encantadora. Conheço-a de perto, tenho tido a honra de freqüentar sua casa. Rogo a Vossa Senhoria que me dê um momento de atenção. Esse exercício violento pode-lhe fazer mal... Minha família é muito conhecida nesta cidade; não é rica, é verdade, mas nem sempre a riqueza constitui felicidade. Meu pai foi desembargador, e minha aliança com a filha de Vossa Senhoria não pode envergonhar. Sou negociante, ainda que principiante; posso ainda fazer grande fortuna e ouso dizer que a Sra. D. Clementina não me vê com indiferença...
JOÃO, *voltando-se muito zangado para Júlio* – Não lhe dou minha filha, não lhe dou, não lhe dou! E tenho dito.
JÚLIO – Atenda-me!
JOÃO – Aonde viu o senhor dar-se caça a um pai de semelhante maneira?
JÚLIO – Desculpe-me, é o meu amor a causa de...
JOÃO – Homem, não me quebre mais a cabeça! Não quero, não quero e não quero, e vá-se com os diabos! Não só de minha presença, como de minha casa. Vá-se, vá-se! *(Empurrando.)*
JÚLIO, *com altivez* – Basta, senhor! Até agora recebia uma denegação e com paciência a sofri; mas agora é um insulto!
JOÃO – Seja lá o que quiser.
JÚLIO – E eu não me demorarei um só instante em sua casa.
JOÃO – Faz-me muito favor. *(Júlio sai arrebatado.)*

CENA X

João, só, (e depois Luís.)
JOÃO – E que tal lhe parece a impertinência? Irra! Casar-se com minha filha! Um pobre diabo que só vive do seu insignificante ordenado. Agora, ainda que fosse rico, e muito rico, não lha dava. *(João vai a entrar no quarto e aparece Luís no fundo, gritando.)*
LUÍS – Tio João? Tio João?
JOÃO – Outro!
LUÍS, *junto dele* – Quero pedir-lhe um grande favor. Trata-se de minha prima.
JOÃO, *à parte* – Mas tu também? *(Procura no chão uma pedra.)*
LUÍS – Tenho hoje reparado com mais atenção na sua beleza e sabidas qualidades.
JOÃO – Não acho eu uma pedra?

LUÍS – Que procura, tio João? Não sei por que fatalidade tenho eu estado cego a tantas perfeições. *(João pega no copo que vê sobre o banco de relva.)*
JOÃO – Se me dás mais uma palavra, arrumo-te com este copo pelas ventas.
LUÍS – Olhe que tem um ovo dentro!
JOÃO – Tenha o diabo! Salta, não me esquentes as orelhas!
LUÍS – Não o contrariemos, que ele tem veneta e me perderei. Está bem, tio. Até logo. *(Sai.)*

CENA XI

João e depois Manuel.
JOÃO, *só* – Ainda virá mais algum? *(João vai a entrar no quarto do ilhéu e este aparece do outro lado da cena. João, à parte:)* Oh, diabo! *(Disfarça o seu intento, fingindo perseguir na parede da casinha um inseto que lhe escapa.)*
MANUEL, *à parte* – Ai, o que está o senhor a fazer? *(João continua no mesmo jogo.)* A saltar? *(Aproxima-se dele, que faz que o não vê.)* Ah, senhor? *(João no mesmo jogo.)* Senhor? *(Pegando-lhe pelo braço:)* O que apanha o senhor?
JOÃO, *voltando* – Quem é? Ah, é você, Sr. Manuel? Homem, estava atrás de uma lagartixa que subiu pela parede.
MANUEL – Ai, senhor, deixe viver o bichinho de Deus.
JOÃO – O que quer comigo?
MANUEL – Tinha um favor que pedir ao senhor, mas envergonho-me.
JOÃO – Pois um homem deste tamanho tem vergonha? Anda, diga o que quer, e depressa, que aqui está muito sereno.
MANUEL – Queria que o senhor me perdoasse os dois meses que faltam para acabar meu trato.
JOÃO – Nada, nada, não pode ser. Dei duzentos mil-réis pela sua passagem e pela de sua mulher, para que me pagassem com os seus trabalhos. Calculo-os a vinte mil-réis por mês. Já lá se vão oito; falta ainda dois para ficarmos justos de conta. Não dispenso.
MANUEL – Mas senhor...
JOÃO – Quando acabar-se o tempo do seu trato, faremos novo ajuste. Não terei dúvida de dar-lhe mais alguma coisa. *(À parte:)* A minha ilhoazinha não sai daqui.
MANUEL – Tenho trabalhado muito, e já o senhor devia estar contente comigo, e não olhar a tão pouca coisa.
JOÃO – Fale-me amanhã; agora não são horas. Vá arrumar capim na carroça que vai de madrugada para a cidade.
MANUEL – E se o meu trabalho...
JOÃO, *empurrando-o* – Já lhe disse que amanhã... *(Manuel sai. João, só:)* Daqui não me sai ele. Virá ainda alguém? *(Vai para entrar no quarto e chegam do fundo, correndo, quatro meninos com pistola e bicha na mão e chegam até à frente do tablado.)*
MENINO – Vamos fazer uma fortaleza aqui. *(Assenta-se no chão.)* Juquinha, você faz outra lá. *(Assentam-se todos.)* Enterra as pistolas e as bichas. Eu sou o navio. Hei-de fazer fogo, e você também ajunta a areia... Anda, vem-me ajudar. *(João, ao ver os meninos que chegam, quebra uma varinha de arbusto próximo, sai de trás da casinha e caminha para eles. Ao chegar junto, açoita-os com a vara. Os pequenos levantam-se, assustados e correm para dentro, gritando e chorando.)*
JOÃO, *gritando* – Salta para dentro! *(Voltando:)* Até estes demoninhos vieram atrapalhar-me! Não me fio em crianças. É isto! Convida-se a certas senhoras para passarem a noite em uma casa e levam quantos filhos têm, desde o mais pequeno até o maior, para estratagema, quebrarem e pedincharem tudo quanto vêem e tocam. E importunar a todos os convidados! Deixar-me-ão desta vez entrar? *(Vai para a casinha, entra e fecha a porta. Manuel, que nesse mesmo tempo aparece, o vê entrar no seu quarto.)*
MANUEL – Entra no nosso quarto? Ai, o que me vale é estar a Maria lá dentro. Ele vai espera-la... Ai! Pois são estas as lagartixas? Lagartixas! *(Pega no cesto que está à porta do quarto e com ele atravessa de novo a cena, sempre correndo e sai pela direita. Assim que o ilhéu sai de cena, João abre a janela do quarto que dá para a cena e espreita por ela.)*

JOÃO, *à janela* – Queria Deus que a minha ilhoazinha não tarde. O meu coraçãozinho está pulando de contente! Mas aonde estará ela?
CLARA, *do fundo* – Ah, Sr. João? Sr. João? *(Chamando.)*
JOÃO – Oh diabo, lá está a carocha da minha mulher chamando-me. Se ela souber que estou aqui, mata-me. Ora, que culpa tenho? Calou-se. *(Debruça-se na janela, espreitando.)* Como tarda!...

CENA XII

Júlio de capote e boné, João e depois Clara.
JÚLIO – Devo ausentar-me desta casa onde fui insultado e para nunca mais voltar... Mas deixá-la? E o posso eu? Não, é preciso; nem mais um instante! E não posso desprender-me daqui! Fatal amor! Ela fica no meio dos prazeres, e eu... *(João chega à janela, observa Júlio, fazendo esforços para reconhecê-lo.)*
JOÃO – Vejo um vulto. Não posso conhecer quem é. Deixei os meus óculos lá dentro. Parece-me que está de saia e lenço à cabeça... Saia escura! É ela, não tem dúvida; é a minha ilhoazinha. Psiu, psiu! *(Chamando com precaução.)*
JÚLIO, *surpreendido* – Quem me chama?
JOÃO – Psiu, psiu, vem cá!
JÚLIO – É dali da janela. *(Vai-se chegando para a janela. Nesse momento acende-se defronte da porta da casa, no fundo, uma composição mítica de fogo colorido que alumie fortemente a cena. Ao clarão do fogo os dois se reconhecem.)*
JOÃO, *recuando para dentro* – Ai!
JÚLIO – O Sr. João! *(Chegando-se para a janela:)* Que faz Vossa Senhoria no quarto da ilhoa?
JOÃO, *um pouco de dentro* – Nada, nada. Vim ver uns pintinhos que estavam no choco?
JÚLIO – Pintos no choco?
JOÃO – Sim, sim, pois nunca viu?
JÚLIO – Mas Vossa Senhoria... *(Desata a rir e caminha um pouco para a frente da cena, rindo-se sempre.)*
JOÃO, *chegando à janela* – Psiu, psiu! Venha cá; não ria-se tão alto!
JÚLIO, *rindo-se* – Qual pintos! É pela ilhoa.
JOÃO – Cale-se, pelo amor de Deus! Venha cá, venha cá.
JÚLIO – Enganou-se com o meu capote! *(Ri-se.)*
JOÃO – Ó homem, venha cá! Olhe que minha mulher pode vir.
JÚLIO, *chegando* – Pois Vossa Senhoria tem medo que a Sra. D. Clara o ache tirando pinto do choco?
JOÃO – Deixemos de graça e fale baixo.
JÚLIO – Então é certo, a ilhoa? Ah, ah, ah! Vou contar isto lá dentro. *(À parte:)* Tu me pagarás.
JOÃO – Oh, não, meu amiguinho; minha mulher, se sabe que eu estou aqui, é capaz de arrancar-me os olhos.
JÚLIO – Há pouco era eu que rogava e Vossa Senhoria dizia não. Agora é Vossa Senhoria que roga, e eu também digo não. *(João debruça pela janela e consegue agarrar em Júlio.)*
JOÃO – Escute. Não tome a coisa tão em grosso; não o quis ofender.
JÚLIO – Correr-me de sua casa!
JOÃO – Não há tal.
JÚLIO – Negar-me com insultos a mão de sua filha!
JOÃO – Não neguei.
JÚLIO – Não negou?
JOÃO, *à parte* – Diabo!
JÚLIO – Não negou, diz o senhor. Então concede-me?
JOÃO – Não digo isso. Mas se...
JÚLIO – Ah! Sr.a D. Clara, Sra. D. Clara?
JOÃO, *querendo tapar-lhe a boca* – Pelo amor de Deus!
JÚLIO – Vossa Senhoria não negou-me a mão de sua filha?
JOÃO – Seja razoável.
JÚLIO – Sra. D. Clara?

JOÃO – Cale-se, homem. Cale-se com todos os milhões de diabos!
JÚLIO – Nada. Quero que ela aqui venha para ver se pode explicar-me a razão por que Vossa Senhoria nega-me a mão de sua filha. Sra. D. Clara?
JOÃO – E eu já lhe disse que lhe negava?
JÚLIO – Não? Então concede-ma?
JOÃO – Amanhã falaremos.
CLARA, *no fundo* – Ah, sô João, sô João?
JÚLIO – Sua senhora aí vem.
JOÃO – Vá-se embora. *(Abaixa e esconde-se.)*
JÚLIO, *para dentro do quarto* – Concede-ma?
JOÃO, *dentro* – Concedo.
JÚLIO – Palavra de honra?
JOÃO, *dentro* – Palavra de honra. *(Neste tempo Clara está no meio da cena.)*
CLARA – Sô João? *(Júlio quer caminhar para sair pelo fundo.)* Quem é?
JÚLIO – Sou eu, minha senhora.
CLARA – Ah, é o Sr. Júlio. Sabe-me dizer onde está o meu homem?
JÚLIO – Não, minha senhora.
CLARA – E esta? Há uma hora que sumiu-se lá de dentro e não aparece. *(Durante este diálogo, vê-se, pela janela da casinha, João muito aflito.)*
JÚLIO – Sem dúvida está dando algumas ordens lá por fora.
CLARA – Ordens a estas horas? Deixar as visitas na sala, e desaparecer!
JÚLIO – Não se inquiete, minha senhora.
CLARA – Tenho muita razão de me inquietar. Velho como é, não pára. Ah, Sr. João? Sô João?
JÚLIO, *à parte* – Em que talas não se vê ele! Está em meu poder. *(Júlio diz estas palavras enquanto Clara chama pelo marido; volta para sair pelo fundo, e em meio da cena encontra-se com Luís. Júlio, para Luís:)* Ainda teima?
LUÍS – Ainda.
JÚLIO – Veremos.
LUÍS – Veremos. *(Júlio sai pelo fundo.)*

CENA XIII

Luís e Clara.
LUÍS – Ó tiazinha!
CLARA – Quem é?
LUÍS – Tiazinha, tenho um favor que pedir-lhe...
CLARA – Viste teu tio?
LUÍS – Não senhora. É um favor pelo qual lhe ficarei eternamente agradecido. Sei que a ocasião não é das mais oportunas. Este passo parece imprudente...
CLARA – Que parece não; que é.
LUÍS – Por quê, tia?
CLARA – É falta de atenção.
LUÍS – Oh, a tia decerto está zombando. Se ainda não sabe...
CLARA – Sei, sei que ele está metido por aí, em algum lugar suspeito.
LUÍS – Como suspeito? De quem fala?
CLARA – De teu tio.
LUÍS – Ora, não é dele que eu falo.
CLARA – Pois então vai-te embora.
LUÍS – Escute, tia. A minha bela priminha...
CLARA – Aonde estará?
LUÍS – Lá dentro na alcova.
CLARA – Lá dentro na alcova? E o que está fazendo?

LUÍS – Conversando com suas amigas.
CLARA – Com suas amigas? Pois também tem amigas? Bravo!
LUÍS – Oh, que linguagem é esta! Pois não foi a tia quem as convidou?
CLARA – Fui sim, mas não sabia que as convidava para desinquietarem um homem casado.
LUÍS – Um homem casado?
CLARA – Um pai de família que se devia fazer respeitar pela sua idade.
LUÍS – Ai, que eu continuo a falar da prima, e ela do tio.
CLARA – Vou botá-los pela porta a fora.
LUÍS – Espere, tia, há engano entre nós. A tia fala do tio, e eu...
CLARA – E tenho muita razão de falar.
LUÍS – Não digo menos disso. O que eu pretendia dizer-lhe era...
CLARA – Já sei o que é. Quer desculpá-lo! Não vê que também é homem? Lá se entendem.
LUÍS – Continuamos no mesmo. Tia, atenda-me somente por alguns instantes, e depois eu lhe ajudarei a procurar o tio.
CLARA – Pois fala depressa.
LUÍS – Todos conhecem-me por namorador. Uns dizem que isto em mim é sistema, outros, que é devido ao meu gênio folgazão e alegre. Seja o que for, estou resolvido a acabar com todos esses namoros e casar-me. A resolução é extrema e de botar a perder um homem, mas a sorte está lançada.
CLARA, *preocupada* – Eu hei-de indagar isto.
LUÍS – Pode indagar. Falo de boa fé. E em quem poderia recair a minha escolha, senão na minha bela priminha?
CLARA – Não posso consentir.
LUÍS – Não? E por que motivo?
CLARA – Na sua idade?
LUÍS – Perdoe-me a tia; está em muito boa idade.
CLARA – Boa idade! Sessenta e cinco anos!
LUÍS – Adeus, tia, que não estou mais para jogar os disparates. *(Vai para esquerda da cena e Clara vai para sair pelo fundo.)*
CLARA, *caminhando* – Ah, Sr. João? Sr. João? Eu hei-de dar com ele! *(Vai-se pelo fundo.)*

CENA XIV

Luís só.
LUÍS – Quando os ciúmes metem-se na cabeça de uma mulher é isto. E se é velha como esta... Mau agouro para mim. Ora. Sr. Luís, é então verdade que o senhor está resolvido a casar-se? Já se não lembra do que dizia do casamento e dos grandes inconvenientes que lhe achava? Quer deixar a sua bela vida de namorador? O que é isto? Que resolução foi a sua? Que dirá a Ritinha, a Joaninha, a viuvinha, a Joaquinhinha, a Emília, a Henriqueta, a Cocota, a Quitinha, a Lulu, a Leopoldina, a Deolinda e as outras namoradas? Responde, Sr. Luís. Os diabos me levem se eu sei responder. *(Assenta-se no banco de relva. Ouve-se dentro de casa a voz de Júlio, que canta uma modinha, acompanhado por piano. [N.B.:] A modinha fica a escolha do autor. Logo que a tiver acabado de cantar, dão palmas. Tudo isto, porém, não interromperá a continuação das cenas.)* Lá está cantando modinhas! Se estivesse como eu, não havia de ter vontade de cantar. Então? O caso não me tem feito impressão. *(Aqui aparece no fundo, caminhando para a frente da cena, Clementina.)* Ainda não sei o que farei. Creio que mesmo depois dos pregões corridos sou capaz de mandar tudo à tabua. Mas o meu capricho? Estou arranjado!

CENA XV

Clementina e Luís.
CLEMENTINA, *sem ver Luís* – Estou com curiosidade de ver como estará o ovo... *(Vai para ver o copo e Luís levanta-se.)*
LUÍS – Priminha?
CLEMENTINA – Ai!

LUÍS – Não se assuste.
CLEMENTINA – Não gosto destes brinquedos. Que susto! Eu vinha ver o ovo.
LUÍS – Encontraste com um amante; é o mesmo. O amante é como o ovo, que muitas vezes gora.
CLEMENTINA – Fala de si? *(Rindo-se.)*
LUÍS – Antigamente assim fui, mas agora, priminha da minha alma, estou mudado. A noite de S. João fez um milagre. Ai, ai! *(Suspira ruidosamente.)*
CLEMENTINA – Bravo! Por quem é esse suspiro tão puxado?
LUÍS, *caindo de joelhos* – Por ti, minha priminha.
CLEMENTINA, *desata a rir* – Ah, ah! Por mim? Ó Ritinha?
LUÍS – Cala-te!
CLEMENTINA – Quero que ela venha ver isto e que caminho leva o seu amor.
LUÍS – Ms há já três meses que ela me ama!
CLEMENTINA – Boa razão! Não a ama porque ela ainda o ama. É isto?
LUÍS – Pois priminha, há três meses que ela me ama, e isto já é teima, e eu não me caso com mulher teimosa, isso nem pelo diabo.
CLEMENTINA – É teima? Quem te ensinará!
LUÍS – Amei-a como amei a Quitinha, etc.
CLEMENTINA – O que aí vai! E todas essas foram teimosas?
LUÍS – Umas mais, outras menos, mas tu, minha querida priminha...
CLEMENTINA – Oh, não se canse, que não sou teimosa; cedo desde já.
LUÍS – Contigo o caso é outro; hoje mesmo te principiei a amar, hoje mesmo nos casaremos e hoje mesmo...
CLEMENTINA, *interrompendo-o* – Ah, ah, ah! Ó Ritinha? Ritinha? *(Ritinha aparece e encaminha-se para eles. Traz na mão uma vara com uma rodinha acesa. Os negros acendem a fogueira.)*
LUÍS – Também isto agora é teima!
CLEMENTINA – Vem cá.
RITINHA – O que é?
CLEMENTINA – Não te dizia que me admirava dos três meses?
RITINHA – Ah!
CLEMENTINA – Já te não ama, e chama-te de teimosa.
LUÍS – Priminha!
RITINHA – Já me não ama? *(Ritinha diz estas palavras dirigindo-se para Luís, que salta para evitar o fogo da rodinha que Ritinha dirige contra ele.)*
LUÍS, *saltando* – Cuidado com o fogo!
CLEMENTINA – Fazia-me protestos de amor.
RITINHA, *mesmo jogo* – Ah, fazia protestos de amor?
LUÍS – Não me queime! *(O velho fecha a janela com receio, que o vejam.)*
CLEMENTINA – Disse que ardia por mim.
LUÍS, *fugindo de Ritinha, que o persegue com a rodinha* – Agora é que eu arderei, se me deitam fogo.
RITINHA, *mesmo jogo* – Assim é que me pagas!
LUÍS – Assim é que me pagas! *(Fugindo sempre.)*
CLEMENTINA – Fogo nele, para não ser bandoleiro! *(Ritinha segue mais de perto Luís, que foge e refugia-se em cima da carroça.)* Assim, assim, Ritinha, ensina-o.
RITINHA – Desce cá para baixo!
LUÍS – Assim era eu asno!
CLEMENTINA – Ritinha, vá buscar lá dentro duas pistolas de lágrimas.
LUÍS – Nem pistola, nem espingarda, nem peças não me farão gostar de vocês. Agora não me caso nem à bala.
CLEMENTINA – E também, quem é que quer casar com você?
RITINHA – Eu não!
CLEMENTINA – Quem é que acredita nas palavras de um namora-paredes?
LUÍS – Muita gente!

CLEMENTINA – Estás desacreditado!
LUÍS – Na praça?
CLEMENTINA – Não, com todas as moças.
LUÍS – Melhor, mais gostarão de mim.
RITINHA – Isto não se pode aturar! Vamo-nos embora.
CLEMENTINA – Presunçoso! *(Vai a sair pelo fundo.)*
LUÍS – Adeus! Viva S. João! *(Dentro respondem a gritos.)*

CENA XVI

Luís, só, de cima da carroça.
LUÍS – Fi-la bonita! Agora nem uma nem outra. Ainda bem! Mas o diabo é ficar o maroto do Júlio muito ufano com eu ter cedido. Histórias! Não cedo em outras coisas, que namorada pouco se me dá; acho cem por uma que deixo. Contudo estou zangado. Maldita noite de S. João!

CENA XVII

Maria vem do fundo da cena e vai a entrar na casinha.
LUÍS, *saltando da carroça* – Psiu, psiu!
MARIA, *parando* – Quem é?
LUÍS, *chegando-se para ela* – Escuta uma coisa.
MARIA – Ai! O senhor que quer comigo?
LUÍS – Desde o dia que principiaram a chegar a esta terra carregamentos de colonos, como antigamente chegavam carregamentos de cebolas, ainda cá não apareceu uma ilhoazinha com esses olhos matadores, com esses beicinhos rosados.
MARIA – Ai, o senhor está a mangar comigo.
LUÍS – As mais que eu por aí vejo são feias como uma lacraia e vermelhas como a crista do galo; mas tu és a nata das ilhoas. *(Quer abraçá-la.)*
MARIA – Chegue-se para lá, que vou contar a meu marido. *(Quer sair, Luís a retém.)*
LUÍS – Espera. É pena que estejas casada com teu marido.
MARIA – Ai, pois eu podia estar casada com um homem que não fosse meu marido?
LUÍS – Pois não.
MARIA – Está zombando? *(Neste tempo a fogueira está de todo acesa e todas as pessoas que estão na casa saem e ficam ao redor da fogueira, ad libitum.)*
LUÍS – Sentemo-nos neste banco, que te explicarei como pode isto ser. Aqui nos podem ver lá de cima com o clarão da fogueira.
MARIA – Estou com curiosidade.
LUÍS, *à parte* – Isto sei eu. *(Assentam-se no banco.)* Supõe que nunca tenhas visto teu marido... Que mãozinhas! *(Pega-lhes nas mãos.)*
MARIA – Largue minha mão!
LUÍS – Nem encontrado com ele... Que olhinhos!
MARIA – Deixe meus olhos!
LUÍS – Ora, se nunca o tivesse visto nem encontrado, está claro que agora não estarias casada com o teu marido.
MARIA – Ora vejam! E é verdade!
LUÍS – Não terias dado essa mão, *(pega-lhe na mão)* que tanto estimo... *(Aqui atravessa a cena Manuel, vestido de mulher, e entra no seu quarto.)*
MANUEL, *atravessando a cena* – Custou-me o arranjar-me...
MARIA – O senhor tem um modo de explicar as coisas que entram pelos olhos... De sorte que se eu não tivesse encontrado a Manuel, não estava hoje casada?
LUÍS – Decerto.

MARIA – Sabe o senhor quando eu o vi? Foi numa festa que se deu no Funchal. *(Manuel, depois de entrar no quarto, fecha a porta e fica dentro do quarto, defronte da janela. Chega-se para ele, como vindo do interior, João, que supondo ser a Maria, o abraça.)*
JOÃO – Minha ilhoazinha, minha Mariquinha! *(Dá abraços e beijos, que Manuel corresponde.)*
MARIA – Hem?
LUÍS – Não disse nada. Continua. *(Continua a ter a mão dela na sua.)*
MARIA – Eu ia para a festa. Ai, agora é que me lembro que se não fosse a festa também não estava casada!
LUÍS, *dando-lhe um abraço* – Maldita festa!
MARIA – Fique quieto! Veja o diabo as arma.
LUÍS – É verdade! *(Manuel e João, que ouvem as vozes dos dois, chegam-se para a janela, e dando com os dois no banco abaixo, ficam observando, dando sinais de grande surpresa.)*
MARIA – Estive quase não indo à festa, e se não fosse o meu vestido novo... Ai, senhor, e se não fosse o vestido novo, eu também não estava casada.
LUÍS, *abraçando* – Maldito vestido!
MARIA – Foi minha tia que mo deu. Ai, que se eu também não tivesse tia, não era agora mulher de meu marido. *(Manuel debruça-se pela janela e a agarra no pescoço.)*
MANUEL – Maldita mulher! *(Maria dá um grito e levanta-se; o mesmo faz Luís. Maria, conhecendo o marido, deita a correr, atravessando a cena. Manuel salta pela janela e a persegue, gritando. Saem ambos da cena.)*
LUÍS, *vendo Manuel saltar* – Que diabo é isto? *(Reconhecendo João, que fica à janela:)* O tio João!
JOÃO – Cala-te! *(Esconde-se.)*
LUÍS, *rindo-se* – No quarto da ilhoa! *(Acodem todos, isto é, Clara, Clementina, Ritinha, Júlio e os convidados.)*

CENA XVIII

CLARA – O que é? Que gritos são estes?
CLEMENTINA, *ao mesmo tempo* – O que aconteceu?
RITINHA, *ao mesmo tempo* – O que foi? *(Luís ri-se.)*
CLARA – O que é isto, Luís? Fala. *(Luís continua a rir-se.)*
CLEMENTINA – De que se ri tanto o primo?
CLARA – Não falarás?
LUÍS – Quer que eu fale? Ah, ah, ah!
CLARA – E esta?
CLEMENTINA – Eu ouvi a voz da Maria.

CENA XIX

Entra Maria adiante de Manuel, gemendo. Manuel conserva-se vestido de mulher.
RITINHA – Aí vem ela.
CLARA – A gemer. Que foi?
MANUEL, *que traz um pau na mão* – Anda! *(Maria vem gemendo, assenta-se no banco debaixo da janela.)*
CLARA – Ai, o Manuel vestido de mulher! Que mascarada é esta?
CLEMENTINA – Como está feio!
CLARA – Mas que é isto? Por que gemes?
MARIA – Ai, ai, ai! Minhas costas...
MANUEL – É uma vergonha!
CLARA, *para Manuel* – O que fez ela?
MARIA, *gemendo* – Minha costela... minha cabeça...
MANUEL – O que fez? Um desaforo! Mas eu lhe ensinei com este pau.
CLARA – Deste-lhe com o pau?
CLEMENTINA – Pobre Maria!
MARIA – Ai, ai, ai! Minhas pernas...

CLARA, *para Manuel* – Mas por quê?
MANUEL – Estava a desencaminhar-se com o Sr. Luís.
CLARA – Com meu sobrinho?
CLEMENTINA, *ao mesmo tempo* – Com o primo?
RITINHA, *ao mesmo tempo* – Com ele?
JÚLIO, *ao mesmo tempo* – É bom saber!
LUÍS – Não há tal, tia. Este diabo está bêbado! Não vê como está vestido?
MANUEL – Olhe, senhora, que não estou bêbado. Eu bem vi, com estes olhos que a terra há-de comer, o senhor dar abraços na Maria.
CLARA – Ai, que indecência!
CLEMENTINA – Que vergonha! Namorando uma ilhoa!
RITINHA – Que humilhação!
JÚLIO – De que se admiram, minhas senhoras? É esse o costume do Sr. Luís. Tudo lhe faz conta – a velha, a moça, a bonita, a feia, a branca, a cabocla...
CLEMENTINA – Que horror!
RITINHA, *ao mesmo tempo* – Que horror! *(Alguns convidados riem-se.)*
LUÍS – Psiu! Alto lá, Sr. Júlio, cá ninguém o chamou!
JÚLIO – E o melhor é, minhas senhoras, que ele nutre grandes esperanças de casar-se com uma das senhoras desta roda.
TODAS AS SENHORAS – Comigo não!
LUÍS, *chegando-se para Júlio* – Já estás cantando vitória?
JÚLIO, *para as senhoras* – Vejam o que faz a presunção!
LUÍS – Ainda é cedo, meu menino! Pensa que eu cedo com essa facilidade? *(Aqui João sai do quarto do ilhéu, pé ante pé, para não ser visto, e encaminha-se para o fundo.)*
JÚLIO – Cederás, que te digo eu!
LUÍS – Deverás? *(Zombando. Volta para trás e vê João, que se retira para o fundo.)* Ó tio João? Tio João? Venha cá! *(Vai buscá-lo e trá-lo para frente.)*
CLARA – Ai, onde estava este homem metido?
CLEMENTINA – O que quererá ele fazer?
JÚLIO – O que pretenderá?
LUÍS – Tio?
CLARA, *interrompendo e puxando João pelo braço* – Aonde estavas?
LUÍS, *puxando-o pelo braço* – Espere, tio, deixe que eu...
CLARA, *mesmo jogo* – Quero que me diga o que fez estas duas horas.
LUÍS, *mesmo jogo* – Logo perguntará por isso, que agora tenho eu que lhe falar.
CLARA, *mesmo jogo* – Nada; primeiro há-de me dizer onde esteve escondido. Isto se faz? Eu a procurá-lo...
LUÍS, *mesmo jogo* – Dê-me atenção!
CLARA, *mesmo jogo* – Responda!
LUÍS, *mesmo jogo* – Deixe-o!
CLARA, *mesmo jogo* – Deixa-o tu também!
LUÍS, *metendo-se entre Clara e João* – Ora tia, que impertinência é essa? Tem tempo de fazer-lhe perguntas e ralhar como quiser. *(Enquanto Luís fala com Clara, Júlio segura João pelo braço.)*
JÚLIO – Lembre-se da sua promessa!
LUÍS, *puxando João pelo braço e falando-lhe à parte* – Eu bem vi aonde estava... No quarto da ilhoa.
JÚLIO, *mesmo jogo* – Espero que não falte; quando não, digo tudo à Senhora D. Clara.
LUÍS, *mesmo jogo* – Se não consentir no que eu lhe quero pedir, descubro tudo à tia.
CLARA – O que quer isto dizer?
JÚLIO, *mesmo jogo, mas falando alto* – Dá-me a sua filha por esposa?
LUÍS, *mesmo jogo* – Concede-me a mão da prima?
JÚLIO, *mesmo jogo, à parte* – Olhe que eu falo...
LUÍS, *mesmo jogo* – Se ma não der, conto tudo...

JÚLIO, *mesmo jogo, alto* – Então?
LUÍS, *mesmo jogo* – O que resolve?
JÚLIO e LUÍS, *mesmo jogo* – Sim ou não?
JOÃO – Casem-se ambos, e deixem-me!
CLEMENTINA, RITINHA, JÚLIO, LUÍS – Ambos?
CLARA, *puxando por João* – Que história são essas?
MANUEL, *mesmo jogo* – Pague-me o que deve!
LUÍS, *mesmo jogo* – Dê-me a prima!
JÚLIO, *mesmo jogo* – Assim falta à sua palavra?
MANUEL, *mesmo jogo* – O meu dinheiro?
JÚLIO, *mesmo jogo* – Falarei!
LUÍS, *mesmo jogo* – O que decide? *(Todos quatro rodeiam João, que assenta-se no chão e mergulha a cabeça, tapando-a com os braços.)*
CLARA – Não o deixo enquanto não me disser aonde esteve, o que fez. Se isto são modos!
JÚLIO, *ao mesmo tempo* – Vossa Senhoria prometeu-me. Se não quer que eu fale, cumpra a sua palavra.
MANUEL, *ao mesmo tempo* – Quero-me ir embora! Nem um instante mais aqui! Paga-me o que me deve.
LUÍS – Basta! Deixem-no! Levante-se, tio; aqui está a minha mão. *(João levanta-se.)* Tranqüilize-se. *(À parte, para João:)* Faça o que lhe eu mandar, que o salvarei. *(Para Júlio:)* Bem vê que eu ainda podia lutar, mas sou generoso; não quero. *(Para João:)* Tio, dê-lhe a mão da prima, *(ao ouvido:)* que nos calaremos. *(João, sem dizer palavra, vai apressado para Clementina, lava-a para junto de Júlio, a quem a entrega, e os abençoa.)*
JÚLIO – Ó felicidade!
LUÍS – Disto estou livre. *(Para João:)* Pague ao Sr. Manuel o que lhe deve. *(João mete a mão na algibeira do colete, tira um maço de bilhetes e entrega a Manuel.)*
MANUEL – É pouco. *(João dá-lhe mais dinheiro.)* Agora sim, vou comprar uma carroça!
LUÍS – Agora dê um abraço na tia. *(João vai abraçar a Clara.)*
LUÍS – Anda, e diga à tia que estava lá fora no portão, ajustando com o italiano das fazendas dois vestidos de crepe bordado dos quais lhe queria fazer mimo.
CLARA – Dous vestidos?
LUÍS – E riquíssimos!
CLARA – Ai, vidinha, e eu estava desconfiando de ti! *(Abraça-o)*
LUÍS, *tomando a João à parte* – Não se meta noutra. Deixe o namoro para os moços solteiros.
JOÃO – Estou castigado! E emendado!
RITINHA, *que se tem aproximado de Luís* – E nós?
LUÍS, *fingindo que a não ouve* – Viva S. João! Vamos ao fogo! *(Ritinha bate o pé de raiva. Acendem o fogo de artifício, e no meio de* Viva S. João! *e gritos de alegria desce o pano.)*